



Hoje

Index
 Capa
 Cidades
 Economia
 Editorial
 Esportes
 Gerais
 Internacional
 Interior
 Policial
 Política
 Programe-se
 Show
 Moda
 Nacional
 Televisão
 Últimas

Semanais

Especial
 Oportunidades
 Revista da TV
 Turismo

Colunas

Ademilson José
 Agnaldo Almeida
 Aldo Pagotto
 Arion Farias
 Brasília DF
 Emerson Barros
 Enfoque
 Espaço Livre
 Gonzaga
 Rodrigues
 Goretti Zenaide
 Idade Maior
 Ipojuca Pontes
 João B. Brito
 José Batista
 José Euflavio
 José Nunes
 Martinho Moreira
 Márcio Cotrim
 Nonato Guedes
 Ricardo Anísio
 Ricardo Castro
 Sérgio C. Pinto
 Tarcísio Pereira
 Wilbur Jacome
 William Costa
 W. J. Solha

Serviços

Assinatura
 Expediente
 Fale conosco
 História de O Norte
 80 anos
 Associados

Associados PB

TV Borborema
 TV O Norte
 DB Online
 O Norte Online
 Jornal DB

Edições

Anteriores

Show

[Vencendo falsas profecias](#)

[Arte abstrata. O que é? - Parte III](#)

[De mim já nem se lembra Memórias de "afetos estilhaçados"](#)

[Mosaico cheio de surpresas](#)

["Cartas natalinas à mãe" mostra a força da epistolografia de Rilke](#)

[Dos gregos aos americanos](#)

Vencendo falsas profecias

CDs de Mário Gil e Chico Saraiva confirmam o grande talento de uma geração que mantém viva a canção brasileira

Ricardo Anísio
 ricardoanisio@jornalonorte.com.br

Que bom que mais uma vez o candidato a filósofo Caetano Veloso errou ao profetizar "a morte da canção brasileira". A cada dia que passa ouço vários discos maravilhosos, repletos de canções inspiradas, em letra e música. Recebi por estes dias dois CDs indispensáveis, um do amigo Chico Saraiva ("Saraivada", Biscoito Fino), outro do Mário Gil ("Comunhão", Tratore), ambos violonistas e melodistas de enorme talento e sensibilidade.

"Saraivada" traz um Chico Saraiva cercado de parceiros fantásticos, entre os quais destaco Paulo César Pinheiro (na minha opinião um dos melhores do Brasil ao lado de Aldir Blanc) que assina os versos de "Na Virada da Costeira", uma canção (viu, Caetano?) daquelas de emocionar, com harmonias ricas e delicadas e linha melódica trovadoresca.

Devo situar o leitor dizendo que Chico Saraiva é violonista de ofício, premiado e tudo mais, e chegou a gravar um disco todo instrumental. Mas, como todo amante de MPB que se preza, já havia flertado com parcerias de letristas importantes da nossa música. O paraibano Chico César, por exemplo, comparece neste novo disco de Saraiva assinando os versos de "Pássaro-Flor", aliás, de rara beleza. "Vida, ai quem me dera ter/ asas e voar/ tiê, anum ou bem-te-vi/ quiçá sabiá".

Mas, Chico Saraiva não abandona o violão-solo e mostra seu virtuosismo em faixas instrumentais como "Coco", "Ponto" a "Saraivada", que batiza o disco. Contudo um dos momentos mais emocionantes do CD de CS é a canção "Moçambique", parceria com o moçambicano Makely Ka em que o coral Vozes da Irmandade do Rosário de Justinópolis tece um bordado vocal de fazer chorar. "Saraivada" é um disco-prova de que a canção brasileira é imorredoura, é um rio que brota, mesmo se os descrentes cobrirem-no com profecias baratas. Amém!

Em "Comunhão"

Mário Gil, para situar o leitor paraibano, é o autor do clássico "Anabela", que o cantor Renato Braz sempre canta quando vem fazer shows em João Pessoa, e invariavelmente é o número do tradicional bis. Ou seja, ele (ou sua obra) já é conhecido nosso. "Comunhão" é seu terceiro disco-solo e sem nenhum favor, deve ser chamado de obra-prima. Aliás, o Renato Braz participa de diversas faixas, fazendo percussão e concebendo a sessão rítmica do CD. O repertório abre com a forte "Dançapé", parceria de Mário Gil com o baixista Rodolfo Stroeter que prenuncia o desfile musical elegante que se está por conferir. Além de ser um ourives da melodia Mário é também um violonista de estilo peculiar, principalmente no dedilhado do acompanhamento. Isso dá ao seu disco uma sonoridade cristalina, acústica e sutil.

"De Flor em Flor", a segunda faixa, emerge o Mário Gil poeta, em versos assim: "Segue o rio que deságua a dor/ segue a vida sem parar/ leva todo meu carinho, amor/ vai contente/ vai de flor em flor". Quanto a melodia é desnecessário dizer que é mais uma pérola, floreada e criativa, mas sempre modal, como os grandes trovadores sabem fazer.

Embora seja "Comunhão" um disco homogêneo em seu alto nível, destaco a canção "Olho-de-Fogo", onde aparece novamente a genialidade do poeta-letrista ou letrista-poeta Paulo César Pinheiro, e quem canta é Renato Braz, restando a Mário Gil a honra do violão e da melodia, que tem viola caipira e tambores dialogando em clima de folia.

Uma característica de Mário é que, mesmo ele não comprometendo como cantor, até tem uma voz agradável demais, os convidados especiais enriquecem seu disco. Em "Acalanto" quem reluz é a voz de Mônica Salmaso, mas não menos o acordeon de Toninho Ferragutti. Uma beleza.

SAIBA MAIS

"Mestre Capiba" é uma homenagem de Mário Gil e Paulo César Pinheiro ao compositor pernambucano autor de 'Maria Bethânia', um clássico da MPB. A faixa-título "Comunhão" tem uma sonoridade pouco usual, com gaita de boca e viola caipira dialogando sem, pasmem, incompatibilidade nenhuma. Eis mais um disco para ouvir e deixar sempre à vista, para cada vez que lembrarmos da praga rogada por Caetano Veloso à canção brasileira, que segundo o autor baiano, está agonizando. Tá nada, Caetano, sua profecia gorou.

[início](#)

Arte abstrata. O que é? - Parte III

Desenvolvido por [O Norte Online](#)